

A PICHANÇA/GRAFITE: DOIS ELEMENTOS FORMADORES DE UMA SOCIABILIDADE, ENTRE ALGUNS JOVENS NA CIDADE DE BELÉM (1985-1989)

*THE GRAFFITI/GRAPHITE: TWO FORMATIVE ELEMENTS OF A SOCIABILITY, AMONG
SOME YOUNG PEOPLE IN THE CITY OF BELÉM (1985-1989)*

*EL GRAFFITI: DOS ELEMENTOS FORMATIVOS DE UNA SOCIABILIDAD, ENTRE
ALGUNOS JÓVENES DE LA CIUDAD DE BELÉM (1985-1989)*

Edvan da Silva Conceição¹

¹Universidade Federal do Pará, Belém/PA, Brasil

CONCEIÇÃO, E. A pichação/grafite: dois... 4(2), 2020, pp.59-74.

RESUMO: Este artigo tem como objetivo, apresentar o início de uma pesquisa sobre a pichação e o grafite na década de 1980, tendo em vista, que esta pesquisa deu base para a construção do trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em História, intitulado "Pixo Logo Existo: Pichadores e Grafiteiros em Belém na Segunda Metade do Século XX, de 1985 a 1989", apresentado pelo discente Edvan da Silva Conceição, tendo como orientador o professor doutor Antonio Maurício Dias Costa. Assim sendo, este artigo estrutura-se em duas subdivisões que corresponde a introdução e os dois primeiros tópicos do primeiro capítulo, do trabalho citado anteriormente. O primeiro, busca apresentar o que seria pichação e grafite e o segundo estabelece de forma mais aprofundada, uma discussão entorno da presença da pichação e do grafite no cenário urbano da cidade de Belém durante os anos de 1985 e 1989, através dos jornais Diário do Pará e O Liberal, os dois tópicos se complementam, tendo em vista que estes são partes do primeiro capítulo que tem como título o mesmo utilizado neste artigo.

PALAVRAS-CHAVE: Pichação; Grafite; Juventude; Arte de Rua

ABSTRACT: This paper aims to present the beginning of a research on graffiti and graphite in the 1980s, bearing in mind that this research was the basis for the construction of the final paper for the Licentiate Degree in History, entitled "Pixo Logo Existo: Pichadores e Grafiteiros em Belém na Segunda Metade do Século XX, de 1985 a 1989", presented by the student Edvan da Silva Conceição, with professor Dr. Antônio Maurício Dias Costa as advisor. Therefore, this paper is structured in two subdivisions that correspond to the introduction and the first two topics of the first chapter, of the work mentioned above. The first seeks to show what would be graffiti and graphite, the second establishes more deeply, a discussion around the presence of graffiti and graphite in the urban setting of the Belém City during 1985 and 1989, through the newspapers Diário do Pará and O Liberal, the two topics complement each other, considering that these are parts of the first chapter whose title is the same as used in this paper.

KEYWORDS: Graffiti; Graphite; Youth; Street art

INTRODUÇÃO

O grafite tornou-se pano de fundo das grandes e pequenas vias e rodovias, onde está presente em diversos espaços, das avenidas mais movimentadas aos becos e vielas que recortam o cenário urbano das cidades espalhadas ao redor do mundo. Este pano de fundo mescla-se com as diversas paisagens que se fazem presentes nessas principais vias, tornando-se em alguns casos um mecanismo de visibilidade para muitos indivíduos que lutam constantemente por sua existência e permanência, bem como sua sobrevivência das mazelas deixadas pelo poder público em regiões historicamente abandonadas. Desta forma, este artigo tem como objetivo apresentar o início de uma pesquisa sobre a pichação e o grafite na década de 1980, tendo em vista, que esta pesquisa deu base para a construção do trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em História, intitulado "Pixo Logo Existo: Pichadores e Grafiteiros em Belém na Segunda Metade do Século XX, de 1985 a 1989", apresentado pelo discente Edvan da Silva Conceição, tendo como orientador o professor doutor Antônio Maurício Dias Costa.

O trabalho de conclusão de curso, foi defendido na Universidade Federal do Pará, no final do primeiro semestre do ano de 2019, e foi aprovado com excelência perante a banca avaliadora compostas por professores da Faculdade de História da mesma instituição. Este artigo se constitui no primeiro capítulo do trabalho em questão, na qual, tivemos como objetivo apresentar uma discussão entorno do conceito de pichação e grafite, observando como estes eram trabalhados nos periódicos Diário do Pará e O Liberal, durante os anos de 1985 a 1989, na cidade de Belém no estado do Pará. Por motivos de delimitação de espaço, foi selecionado apenas este primeiro capítulo para dá corpo a este artigo. Sendo assim, sinalizamos que a discussão presente neste artigo é uma pequena parte do trabalho de conclusão do curso, que também é o início da pesquisa que buscou compreender tanto a pichação como o grafite no cenário urbano da cidade de Belém, durante a década de 1980.

Os elementos em questão tornam-se relevantes desde o seu surgimento, como forma de expressão sociopolítica e cultural, onde passaram a ser fortemente utilizados por indivíduos de diversas faixa-etárias, em destaque a juventude, que os insere dentro dos diversos cenários que perpassavam o cotidiano de cada um deles como, por exemplo, o bairro, a escola entre outros. Reconhecer-se pertencente a esse cenário urbano cujo espaço caracterizava-se por intensas trocas políticas, socioeconômicas e culturais, tornaram-se por muitas vezes conflitante para esses diversos jovens, destacando-se as várias visões de mundo que esses carregam consigo e que os caracterizam em suas múltiplas realidades, tornando-se assim, um símbolo importante dentro do processo de estabelecimento de redes de sociabilidade que começam a ser construídas e fortalecidas.

Para entendermos a juventude, necessitamos levar em consideração não só fatores biológicos, mas os político-sociais e entender que existe uma diversidade dentro desse período de transição entre a infância e a vida adulta, levando-os a perceber que não existe uma juventude homogênea, uniforme e que se comporta e almeja as mesmas coisas. A diversidade presente nesse período é reflexo de diversos fatores que refletem as simbologias que se somam a outros elementos, passando a compor a formação identitária do indivíduo. Segundo Pais (1993),

A juventude tanto pode ser tomada como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por indivíduos pertencentes a uma dada fase da vida, principalmente definida em termos etários, como também pode ser tomada como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por jovens em situações sociais diferentes entre si. (PAIS, 1993, p. 34-35).

Pais (1993) compreende a juventude sendo influenciada por esses elementos externos, pertencentes a realidades diferentes. Para Campos (2007), destaca-se que a representação mais difundida sobre essa fase da vida seria como “psicologicamente e socialmente instável, conturbada, frágil e perigosa, conseqüentemente motivo de preocupação, objeto de cuidados e alvo de políticas de integração e normalização”. (CAMPOS, 2007, p. 95). Tornar a juventude em uma fase que inspira cuidados, transformando esses indivíduos que estão em processos múltiplos de autoafirmação em seres problemáticos, simplificando-os de forma negativa sem levar em

consideração as suas contribuições para os processos de construção das redes de sociabilidade que formam o cenário urbano, torna-se problemático para o desenvolvimento dos mesmos como indivíduos detentores de direitos e deveres.

As juventudes passam a ser uma condição social e um tipo de representação social. De um lado, há um caráter universal, dado pelas transformações do indivíduo em determinada faixa-etária. De outro, há diferentes construções históricas e sociais relacionadas a esse período da vida. De uma forma geral, pode-se dizer que a entrada na juventude se faz pela adolescência e é marcada por transformações biológicas, psicológicas e de inserção social. É diante deste contexto que presenciamos o possível primeiro contato destes jovens com a pichação e o grafite. Esse processo de transição requer em muitos casos instrumentos que sirvam para esses jovens como um mecanismo de interação social. A escola se torna um dos principais palcos, a onde esse jovem vai desenvolver os primeiros contatos com a pichação e o grafite, o riscar a cadeira com o seu nome se torna um dos primeiros pinchos desse indivíduo. Segundo o relato de um dos entrevistados que compõe parte das fontes utilizadas para a construção deste trabalho, destaca o início de sua prática pichadora no período da escola,

Eu comecei a pinchar com 12 anos, muito cedo logo na escola, a escola era como se fosse a galeria aberta para quem queria saber algum reconhecimento que não era dado, muitos de nós, sentia a necessidade de ser reconhecido, de ser visto e a pichação era a sacada naquele momento. ("M'Pris", 41 anos de idade, pintor e desenhista, entrevistado em 15/02/2019).

A pichação e o grafite começam a ganhar vida nos bancos das escolas e outros espaços mais reservados, até chegar nos muros da cidade, transformando-se em mecanismos de comunicação para muitos desses jovens, como observamos no relato acima. No caso do movimento de estudantes de Paris em maio de 1968, abordado pelo autor Michel Thiollent que dentre outros temas, trata a utilização da pichação por grupos "anarquistas ou situacionistas" (THIOLLENT, 1998, p.75), como meio de fomentar o espírito contestador da população contra toda aquela repressão, destaca-se entre os slogans o "É proibido proibir" que estampavam os muros de Paris. A pichação naquele momento se caracterizava como um meio de comunicação alternativo para esses grupos, que estavam dentro dessas juventudes parisienses e buscavam de alguma forma expor toda a sua indignação com o sistema vigente.

No Brasil a situação não é muito diferente. Entre 1960 e 1970, até meados de 1980, o país encontrava-se em um regime de ditadura civil militar, na qual, os meios de comunicação e as diversas formas de expressão passavam por regulações e censuras. No entanto, mesmo dentro desse processo de extrema repressão, observamos o início da pichação e do grafite como um dos meios utilizados para gritar as ideias de oposição ao regime ditatorial civil militar, vigente naquele período.

O primeiro registro de pichação como arte no Brasil foi o emblemático "Abaixo a Ditadura". Era o começo da *streetart* brasileira. A pichação política nasceu no meio universitário, na década de 1960, com influência do movimento estudantil de maio de 68 francês. As inscrições eram simples, pois demandavam agilidade para escapar da repressão policial. Com o passar do tempo, as inscrições foram difundidas pelo meio urbano, fazendo surgir pichações não só em

muros, mas em construções públicas e viadutos. Nenhuma das pichações vinha assinada, elas traziam apenas a ideia de contrariedade ao regime. (Disponível em: <http://memoriasdaditadura.org.br/obras/pichacaoabaixoditadura1968/>. Acessado em: 12/06/2019).

Desta forma, é observado o início da prática da pichação e do grafite em dois momentos, o que surge nos bancos da escola como forma de materialização da busca por um reconhecimento, por uma forma de existir, e outra ligado a um cenário político bem mais amplo, porém, como forma de impor as múltiplas insatisfações contra o sistema vigente, a pichação neste momento fixava a voz de grupos que lutavam contra a repressão presente naquele cenário. Sendo assim, saiu das cadeiras escolares, ganhou os muros das cidades e se transformou em um meio de comunicação alternativo, mas de fato o que seria pichação e grafite?

Assim sendo, este artigo estrutura-se em duas subdivisões que corresponde a introdução e os dois primeiros tópicos do primeiro capítulo, do trabalho de conclusão do curso citado no início deste artigo. O primeiro tópico busca apresentar o que seria pichação e grafite tendo como aporte teórico Schultz (2010); Cascardo (2012); Arce (1999), entre outros, utilizando também o discurso presente nos jornais Diário do Pará e O Liberal durante os anos de 1985 e 1989. O segundo tópico estabelece de forma mais aprofundada uma discussão entorno da presença da pichação e do grafite no cenário de Belém durante os anos de 1985 e 1989, através dos jornais Diário do Pará e O Liberal, com isso observaremos como a imprensa retrata esses dois movimentos que estavam em processo de ampla expansão. Os dois tópicos se complementam, tendo em vista que estes são partes do primeiro capítulo que tem como título o mesmo utilizado neste artigo.

PICHAÇÃO/GRAFITE: SIGNIFICADOS E VARIAÇÕES

A pichação e o grafite são elementos com fortes características urbanas, que se apresentam nesse cenário como elementos simbólicos de demarcação territorial, o seu caráter ilegal ou legal se desenvolve no formato que esses elementos se apresentam, tendo em vista que ambas as formas de expressões ainda estavam em processos de definição jurídica na legislação brasileira durante a década de 1980.

Schultz (2010) destaca,

Grafite tem origem no termo italiano *grafito*, que deriva do latim *graphitum*. Inicialmente, designou um estilete utilizado para escrever sobre placas de cera. Posteriormente, a forma plural, *graffiti*, nomeou as inscrições gravadas na pré-história e na Roma antiga. Em 1965, a palavra *graffiti* foi utilizada para definir as pichações com spray e, nos anos 70, para indicar as modernas pinturas feitas com a mesma tinta. O termo pichação remete as inscrições realizadas com piche em muros na antiga Roma. Adquiriu arbitrariamente uma conotação pejorativa, quando se tornou uma prática de protesto social nos bairros periféricos de Nova Iorque, na década de 1960, e, mais tarde, quando foi utilizado por torcidas organizadas em práticas ilegais ou por grupos de controle do narcotráfico, mais especificamente nos bairros do Bronx e Harlem. (Schultz, 2010. p. 2560).

Para Cascardo (2012),

O termo utilizado internacionalmente para definir essa forma de expressão visual é *graffiti*, plural da palavra italiana *grafito* que significa inscrição. [...] o termo *graffiti* detém significações

diferentes das atribuídas pelos brasileiros, englobando o que também chamamos de pichação. [...] utilizarei o termo "grafite", em português, para as inscrições e desenhos feitos nas ruas e muros, aceitas pela sociedade e o termo "pichação" para o que é tido como vandalismo ou sujeira. (CASCARDO, 2012, p. 94).

Essa separação entre termos apresentada por Cascardo (2012), é observada nas fontes utilizadas para a construção deste trabalho, por isso utilizaremos o termo pichação e grafite em português. No entanto, de 1985 a 1988, observamos a junção entre pichação e grafite, em um momento apresentando-se nos jornais¹ como ato criminoso, e em um segundo momento a separação entre eles, a pichação continua sendo reconhecida como ato criminoso e o grafite passa a ser visto como artes plásticas. No ano de 1989, observamos uma intensa discussão nas páginas dos jornais² Diário do Pará e O Liberal sobre a separação entre pichação e grafite na legislação municipal da cidade de Belém.

Essas discussões podem ser reflexo de um movimento que ganhava o mundo através do movimento do hip hop. Segundo Arce (1999),

O hip hop, expressão que cresceu durante as décadas de 70 e 80 nas comunidades afro-americanas e latinas dos Estados Unidos, incorpora *breakdance*, *rap* e *grafite* e foi um dos grandes fenômenos de renovação cultural etno/juvenil das últimas três décadas. (ARCE, 1999, p. 90).

Esse movimento foi incorporado por indivíduos que buscavam uma nova forma de se expressar. Se expandiu pelo mundo através da indústria cultural, tornando-se presente em diversos filmes, clipes e discos. Dentro desse movimento, destacamos as ações dos grafiteiros que se materializavam tanto em inscrições simples como em traços mais elaborados. A pichação e o grafite são em muitos casos uma forma de assinatura, nascendo nesse cenário as reivindicações e protestos, o muro se torna o espaço dessa forma de expressão política, social e cultural, segundo Campos (2007) "o graffiti está ligado fisicamente ao seu lugar de nascimento, o muro". (CAMPOS, 2007, p. 252).

Campos (2007), compreende que a pichação e o grafite são linguagens ligadas ao seu suporte, independente da sua qualidade, deve estar exposta no espaço público, com alta visibilidade, de forma que atinja o máximo de pessoas possíveis. O muro serviu como suporte de escrita para diversos movimentos,

Se o muro é o lugar de ordem e harmonia, também é lugar de confronto e desobediência. Este é um espaço que é apropriado por diferentes pessoas, grupos e instituições, com objetivos, funções e poderes diferenciados. É, portanto, lugar de disputa, arena de confrontos simbólicos e recursos cobijados. (CAMPOS, 2007, p. 252).

Desta forma, o autor compreende o muro como um desses espaços de luta, um espaço que serve para amplificar a busca por esse reconhecimento social. Ligação entre um ato e um espaço,

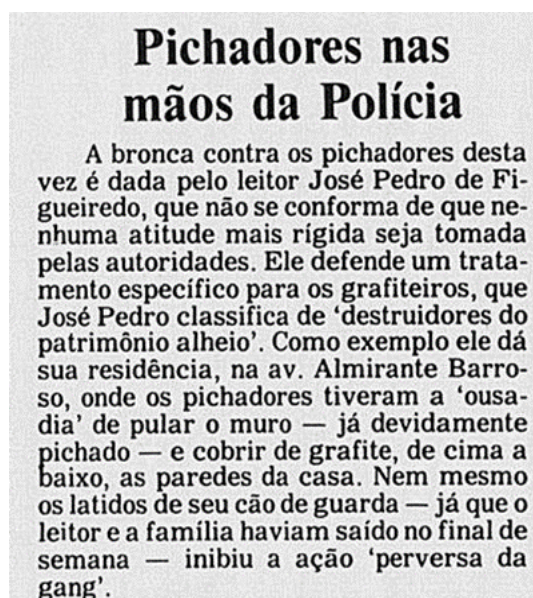
¹ Jornais Diário do Pará e O Liberal, 1985 a 1989. Disponíveis na hemeroteca digital.

² Os jornais utilizados como fonte para a construção deste trabalho, e que apresentam as discussões entorno do grafite e da pichação estão disponíveis na Hemeroteca Digital, organizados conforme os anos de publicação, pelo fato de ser uma quantidade razoavelmente grande, torna-se impossível de serem apresentados na íntegra, desta forma segue o endereço eletrônico do site: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

que pode ser o muro ou a cadeira da escola, independente do espaço de surgimento, a pichação ou o grafite deve ser visto pelo maior número de pessoas possíveis. Essa busca por visibilidade fazia com que todos os espaços se tornassem alvos dessa prática. O medo de ter o muro da casa atacado/depredado, ver o patrimônio público todo pichado/riscado fez com que as denúncias se multiplicassem nos jornais, tornando-se frequente a construção de uma caracterização desses indivíduos como marginais, gerando assim em torno desses indivíduos um sentimento de temor e de um certo respeito entre os praticantes do grafite e da pichação.

A matéria do jornal O Liberal publicada em 04 de outubro de 1989, demonstra o que já foi expresso anteriormente, o medo de ter seu patrimônio atacado por estes indivíduos, ou pelo menos assim era apresentada nas matérias, como segue abaixo.

IMAGEM 1: Recorte Jornal O Liberal, 04 de outubro de 1989.



Fonte:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=761036&pasta=ano%20198&pesq=guerrilha%20ao%20spray>. Disponível: Hemeroteca digital.

Observamos também que a pichação era identificada em alguns jornais analisados como instrumento de divulgação para determinados partidos políticos, em períodos de campanhas eleitorais, como observamos no recorte abaixo do jornal Diário do Pará, que descreve uma ação de enfrentamento a esses meios utilizados pelos partidos políticos para propagar as candidaturas dos seus políticos. É interessante perceber na notícia, a ênfase em assegurar a igualdade de tempo e espaço para que ambos os políticos e partidos pudessem divulgar suas propostas de campanhas, deve-se de fato assegurar o multipartidarismo nos espaços de imprensa, e não privilegiar um ou outro partido político. Essa ação foi organizada pelo Tribunal Regional Eleitor

IMAGEM 2: Recorte do Jornal Diário do Pará, 10 de novembro de 1985.

EM entrevista exclusiva ao DIÁRIO DO PARÁ, o presidente do Tribunal Regional Eleitoral, desembargador Nelson Amorim, revela que, além da colagem de cartazes em locais proibidos e da pichação de muros, o TRE vai acabar com a propaganda disfarçada de candidatos às eleições de 15 de novembro nas emissoras de rádio e de televisão, fazendo cumprir, assim, a legislação eleitoral. Há entendimento no TRE no sentido de que não estão proibidos os debates e as entrevistas nas emissoras, mas desde que sejam cuidados candidatos de todos os partidos. Em consequência, deverá ter que cessar o favorecimento aos candidatos do PDS, que têm usado e abusado do rádio e da TV, de forma velada e às vezes nem tão velada.

Fonte:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=644781&pesq=picha%C3%A7%C3%A3o&pasta=ano%20198>. Disponível: Hemeroteca digital.

Sendo assim, observamos a multiplicidade no discurso apresentado sobre a pichação e o grafite nos jornais analisados, presentes tanto em questões ligados a construção de um ato de vandalismo como um possível mecanismo de propaganda política. Dentro de uma amplitude nas diversas formas de utilização da pichação e do grafite, observamos a intensificação dos estudos desses fenômenos que se faziam mais presentes, como vemos na matéria abaixo do jornal O Liberal de 9 de janeiro de 1989.

IMAGEM 3: Recorte Jornal O liberal, 09 de janeiro de 1989

Fenômeno da pichação em estudos

O Centro de Defesa do Menor está realizando estudos sobre a pichação dos muros da cidade e de princípio já definiu que o fenômeno, além de simples vandalismo, tem um caráter de desafio, muitas vezes entre organizações que cobram até juramento de fidelidade de seus membros. O assunto está com detalhes na coluna "Espaço Católico". (Página 4).

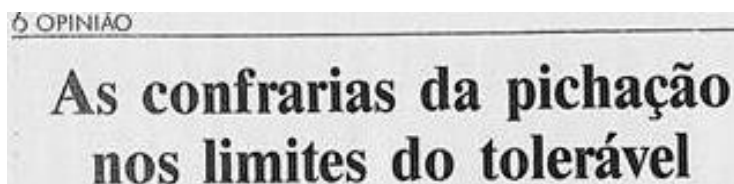
Fonte:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=761036&pesq=picha%C3%A7%C3%A3o&pasta=ano%20198>. Disponível: Hemeroteca digital.

O pequeno enunciado que direciona o leitor a outra página do periódico, no qual, descreve-se articulações construídas entre o Centro de Defesa do Menor³ que tem por objetivo a defesa jurídica de crianças e adolescentes vítimas de crimes, criado em 1983. A articulação entre movimentos e entidades governamentais e não governamentais deram origem ao fórum de debate sobre a pichação, que tinha entre outros objetivos a identificação dos indivíduos envolvidos com a pichação naquele ano (1989). Entender a dinâmica de atuação, o que estimulava a prática da pichação e como esses jovens se organizavam era os principais pontos levantados dentro desse fórum.⁴

Transformando-se em objeto de estudo, a pichação e o grafite apresentam o desenrolar de uma rede de sociabilidade que se torna mais visível a medida que grupos se formam, regras se criam e passa-se a observar a construção de fortes laços de acolhimento e reconhecimento entre os membros dessas redes. Esses grupos de pichadores e grafiteiros se tornaram cada vez mais numerosos, em uma das matérias do jornal O Liberal, na sessão do caderno Opinião publicado em 30 de novembro de 1989, traz o seguinte título,

IMAGEM 4: Recorte Jornal O Liberal, 30 de novembro de 1989.



Fonte:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=761036&pasta=ano%20198&pesq=22504>. Disponível: Hemeroteca digital.

A formação de confrarias voltadas para a pichação, segundo o jornal ganhava grandes proporções, na qual, esses grupos possuíam ramificações que acabavam chegando ao mundo do crime. Esses grupos agiam à noite e a pichação era enxergada segundo a matéria como uma “febre”, que se projetava sobre o espírito contestador desses jovens, que estavam empenhados a desconstruir “comportamentos supostamente considerados retrógrados, ultrapassados, conservadores e caretas”. A organização de “confrarias” de pichadores e grafiteiros seriam a mesma coisa, “O cidadão que vê a sua casa emporcalhada, pichada com garatujas que nada significam, a não ser para os iniciados nos mistérios da confraria do grafite”. (O Liberal, 30 de novembro de 1989, caderno Opinião, p. 6).

Paralelo a essas publicações, observamos outras publicações que separam a atuação do pichador e do grafiteiro, como é observado no jornal o Diário do Pará que apresenta uma matéria publicada em 14 de março de 1989, na qual, o jornal separa a atuação do pichador e do grafiteiro,

³ Verificar Movimento de Emaus. Disponível em: <http://movimentodeemaus.org/v2/emaus/?id=110>. Acessado em: 04/07/2019.

⁴ Verificar Hemeroteca digital. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=761036&pesq=picha%C3%A7%C3%A3o&pasta=ano%20198>. Acessado em: 04/07/2019.

caracterizando a primeira como vandalismo e a segunda como arte, destaca também a ação do grafiteiro no combate ao pichador, colocando-os em grupos diferentes e rivais.

A separação desses grupos era uma forma de enfraquecer a propagação do “espírito” pichador e controlar o “espírito” grafiteiro, pois este último passava a combater as ações deste primeiro, colocados em campos separados em alguns momentos e identificados como a mesma coisa em outros.

IMAGEM 5: Recorte Jornal Diário do Pará, 14 de março de 1989.



Fonte:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=644781&pasta=ano%20198&pesq=02058>.

Disponível: Hemeroteca digital.

A matéria vinculada no caderno de estética urbana, apresenta o grafite como arte polêmica, e que estava na busca por espaço nesse cenário urbano tomado pela pichação. Nessa matéria, o grafiteiro é apresentado como opositor ao pichador, e sua arte passa a ser pensada como mecanismo de combate a pichação. Mas até que ponto essa separação entre os dois movimentos e seus indivíduos é válida na perspectiva de quem realmente aplicava as suas marcas pela cidade, a matéria do jornal nos traz o olhar de um escritor, de um reporte, e de uma equipe de direção que na maioria das vezes nunca tiveram contato com esse pichador/grafiteiro, desta forma não apresentando o posicionamento dos indivíduos envolvidos na prática da pichação e do grafite.

Segundo Moisés Sarraf no texto “Um risco, um pixo e um grafite: como o muro reflete a cidade à beira dos seus 400 anos”, publicado no site outros 400.com.br em 19 de novembro de 2015. Traz o olhar de alguns grafiteiros entre eles um dos entrevistados para a construção deste trabalho. “Dog” pichador e grafiteiro, nos demonstra a mistura que se faz presente entre a pichação e o grafite no cenário urbano de Belém desde a década de 1980, e que está presente até os dias atuais. Em uma das ações de “Dog”, nota-se de certa forma o conforto que está presente quando se refere ao grafite. Fazer grafite é permitido, ao contrário de fazer pichação, tendo em vista que o grafite a partir de 1980, passa a se

fazer mais presente em determinados espaços como as bienais de arte⁵ espalhadas pelo país, ao contrário da pichação que continuaria a ser identificada como ato de vandalismo logo caracterizada como criminalidade.

Ele atacou as ruas do Reduto com uma necessidade inerente: riscar. Depois de uma caminhada, tirou da mochila uma lata de tinta preta à base d'água e uma lata de spray também preto. Mirou uma "tela" linda, limpinha, pronta para receber a marca do Dog. Quando se preparou, sacou o movimento de um guarda sem farda que desligou o radinho. Achou melhor conversar. Apresentou-se como estudante de Artes da Universidade Federal do Pará (UFPA), explicou que o que estava fazendo era... arte. Era de se esperar que o guarda não desse ouvido. Ao lado, estava o proprietário do muro a ser pixado, que também entrou na conversa. Era de se esperar que o proprietário, imediatamente, chamasse a polícia. O "Dog-viralata" gastou lábia, argumentou sobre as precárias condições das artes em Belém, dialogou, enfim. (SARRAF, 2015).

A definição e a separação entre a pichação e o grafite passam a expressar os marcos legais a nível nacional, presente na constituição brasileira, só a partir de 2011 com o decreto de lei 12.408 de 25 de maio de 2011, que tem por finalidade a alteração do artigo 65, da lei 9.605/98, que separa a pichação do grafite. Mas quem de fato separa e define a pichação e o grafite é quem o pratica. Os indivíduos envolvidos nesse movimento souberam "absorver" as separações que o Estado se preocupou em criar para que pudesse tentar controlar aquilo que estava incontrolável, e que aparentemente ainda está, observamos no artigo de Sarraf, (2015), alguns posicionamentos de pichadores e grafiteiros, sobre as definições do que é pichar e grafitar.

O mais legal é isso, pois quando tu me pedes uma definição, eu vou te dizer: "mano, não tem definição", arremata Luizan. "A definição é o Brother que tá lá na parede dando o caralho, entendeu? Essa é a cena". Já o Léio, o Leônidas, pichador das antigas, diz que "a diferença é a ideia deles". "A ideia de grafiteiro é mais comercial. Eles acham que, fazendo grafite, vão ganhar dinheiro, vão fazer outdoor, vão fazer placa. Pixador não quer saber disso, não. Ele quer saber de tá com o nome dele lá em cima". Mas essa é a opinião do Léio. (SARRAF, 2015).

As concepções e definições sobre o que é de fato pichação e grafite variam entre os indivíduos que praticam. No entanto, a separação entre a pichação e o grafite já estava sendo pensada em Belém desde a década de 1980. Projetos políticos⁶ como o que foi apresentado na Câmara de Vereadores em Belém, pelos vereadores Willy Trindade (PTR) e Joaquim Passarinho (PDS), que discutia-se a necessidade de separar o vandalismo do movimento artístico que buscava se fazer presente no cenário urbano da cidade de Belém. Os muros do centro da cidade se tornaram um espaço de disputa, onde as diversas vozes gritavam os sentimentos, as angústias, a felicidade individual e coletiva desses indivíduos que estavam em processos de construção identitária, como expressa Arce, (1999),

O fenômeno do grafite, portanto, insere-se de maneira importante como parte da crise das identidades sociais. São jovens que reconstróem velhos referentes de identidade e que os utilizam para funcionar num novo contexto. Dessa maneira, participam da disputa cotidiana que estabelece a construção sócio cultural dos espaços, produzidos e produtores de

⁵ Verificar TAVARES, Jordana Falcão. *Graffiti o muro, a parede, a universidade e até a galeria*. IV Encontro de História da Arte – IFCH / UNICAMP. 2008.

⁶ Verificar em: <https://cbelelem.iusbrasil.com.br/legislacao/588046/lei-7471-89>.

complexas redes de relações sociais que nos oferecem os discursos dos diferentes setores. (ARCE, 1999, p. 138).

Esses jovens levaram os riscos das cadeiras e dos muros para as folhas dos jornais, fazendo com que a sua popularidade se fortalecesse e ocupasse espaços que até o momento não eram pensados para esses indivíduos.

PICHAÇÃO E GRAFITE NOS JORNAIS O LIBERAL E DIÁRIO DO PARÁ EM BELÉM (1985-1989)

Os jornais O Liberal e Diário do Pará durante os anos de 1985 a 1989, caracterizam-se como importantes veículos de informação, concorrentes e de linhas políticas opostas, transformavam-se em mecanismos de propaganda política, com lados políticos bem definidos. Segundo Castro (2014),

O jornal O Liberal foi fundado em 15 de novembro de 1946 por Moura Carvalho e outros nomes para ser um órgão de propaganda dos membros do Partido Social Democrático, chefiado por Magalhães Barata. As primeiras disputas de poder se dão a ver logo nas primeiras edições do vespertino diário, inclusive na capa, destacando que o seu primeiro rival foi o jornal Folha do Norte, já que o Diário do Pará só surgiu em 1982. (CASTRO, 2014, p. 3).

O jornal passou por modificações no corpo editorial, porém, sem perder o seu teor político-partidário. Em 1966, Romulo Maiorana assume a direção do jornal, jornalista e proprietário da Delta Publicidade, assume a direção do periódico que passa a ter como slogan "Vespertino Independente" (CASTRO, 2014, p. 5). As modificações na estrutura do jornal foram além do slogan, com tudo o periódico permaneceu como um mecanismo para a promoção de alguns políticos.

O Liberal na administração de Romulo Maiorana ganhou mais colunas sociais, políticas, policial e mais destaque ao noticiário esportivo. As mudanças editoriais não afastaram, no entanto, o jornal de sua vinculação político-partidária, pois naquele mesmo ano, o leitor já começou a verificar, claramente, nas páginas do periódico o lado político do mesmo, pois várias capas estamparam um anúncio, pedindo votos para o coronel Jarbas Passarinho para o Senado Federal. (CASTRO, 2014, p. 5).

Seguindo a linha do O Liberal, observamos a criação do jornal Diário do Pará "criado em 22 de agosto de 1982, com o propósito de dar sustentação à carreira política do senador Jáder Barbalho (PMDB). " (CASTRO, 2014, p. 6). O Diário do Pará surge com finalidades semelhantes ao O Liberal, palco de discussão política, rivalidades partidárias, são elementos que se misturam a demais informações nas páginas dos periódicos, a disputa pelo monopólio da imprensa no estado fazia parte de cenário mercadológico da informação, combustível para já inflamada disputa entre os dois jornais.

Segundo Castro (2014),

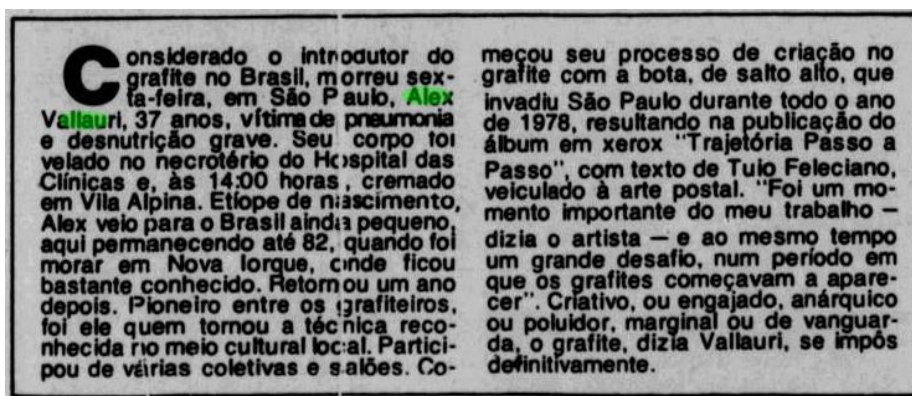
Algum tempo atrás, ninguém podia sequer pensar neste fato: O Liberal não ser mais o líder dos jornais. (...). Ninguém mais põe em dúvida que o Diário do Pará, do deputado federal Jader

Barbalho, deslocou O Liberal, dos Maiorana, de uma liderança na qual a publicação se manteve durante três décadas, em vários momentos superando os 90% de índice de leitura. Nem mesmo O Liberal questiona essa nova e surpreendente situação. Ao contrário: a empresa vem recuando de posição, ficando num lugar cada vez mais distanciado do concorrente, algo inimaginável pouco tempo atrás". (CASTRO, 2014, p. 8. Apud. PINTO, 2008, p.1).

A rivalidade dos periódicos é marcada por vários enunciados que envolvem políticos de partidos opostos, e dentro desse cenário observamos a pichação e o grafite, que também em um dado momento são utilizados como mecanismos de propaganda política. Ironia, já que a pichação e o grafite ganham força com a luta contra sistemas políticos autoritários, como observamos no maio de 68 na França expresso anteriormente.

A pichação e o grafite dentro da década de 1980, começa a aparecer com mais frequência a partir de 1985, conforme a análise realizada nos periódicos O Liberal e Diário do Pará de 1980 a 1989, disponível na hemeroteca digital. Uma das questões observadas é que até 1984, a maioria das notícias pautavam só a questão da pichação. Quase não se via a presença do termo grafite seja ele ligado a criminalidade ou não. No entanto, a partir de 1985, começa-se a presenciar com mais frequência a pichação e o grafite sejam eles juntos caracterizando um ato de vandalismo, ou separados passando o grafite ao campo da arte e a pichação permanecendo como vandalismo e ato criminoso. Segundo Arce, (1999), "O auge do grafiteiro (ou das pichações) no Brasil se deu no ano de 1984, quando se destacaram pichadores como Jam e Rolê, da área da Tijuca, os quais se tornaram figuras mitificadas pela grande quantidade de marcas que imprimiram na cidade do Rio". (ARCE, 1999. p. 132). Anos depois o jornal Diário do Pará publicaria uma matéria que apresentou um outro grafiteiro que se tornou conhecido em São Paulo, devido a sua inserção em outros espaços como a bienal de arte em 1987.

IMAGEM 6: Recorte Jornal Diário do Pará, 19 de março de 1989.



Fonte:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=644781&pasta=ano%20198&pe sq=01351>. Disponível: Hemeroteca digital.

A nota de falecimento expressada acima do grafiteiro Alex Vallauri no jornal Diário do Pará na cidade de Belém, demonstrava um canal de informação impresso que apresentava um grafiteiro como artista a nível nacional. A notícia apresenta um resumo da trajetória de vida do mesmo. Vallauri dividia opiniões entre ser reconhecido como artista ou não, reflexo do movimento

ao qual, se tornou um forte representante, seus grafites chamaram tanta atenção que lhe rendeu um lugar na história desse movimento no Brasil, "Sua morte precoce, em 1987, de certa maneira encerra o primeiro ciclo do grafite no Brasil. No dia 27 de março, data do aniversário de sua morte, comemora-se o Dia Nacional do Grafite, em algumas cidades brasileiras" (MAC USP, 2004).

Em Belém, na década de 1980, a juventude se inspirava em alguns elementos que chegavam via revista, via ondas sonoras e televisivas de outras cidades do Brasil e do mundo, especialmente São Paulo e Nova York, como observamos na matéria acima do Diário do Pará, que destaca um grafiteiro de São Paulo que tornou-se referência do grafite, passando a ser conhecido em Nova York onde passou um tempo da sua vida e principalmente no Brasil onde influenciava boa parte desse movimento, que passava a fazer parte da vida de muitos jovens na cidade de Belém. A pichação e o grafite tornavam-se cada vez mais, assuntos presentes nas folhas dos jornais.

Nas barcas da galera, virada das décadas de 1980 e 1990, a moçada se reunia para ir às aparelhagens, onde o som era o brega, mas também o House, o Pamperape era a trilha sonora. As pichações passaram às capas dos jornais, os pichadores viraram celebridades da cena. (SARRAF,2015).

Esse cenário cultural quase sempre era apresentado nos jornais, o caderno cultural trazia as tendências da época, apresentava-se o que estava no auge no momento, quando não o caderno policial, que imprimia a outra realidade desse cenário cultural e a pichação e o grafite recortavam a cena. A imprensa ao longo da história desenvolveu vários papéis importantes, segundo Carvalho (2013),

O fluxo de informações divulgadas na imprensa pode orientar a opinião das pessoas, por isso destaca o papel e a influência da mídia impressa no cotidiano social e no comportamento das pessoas. De acordo com Sodré, os jornais impressos (e os outros meios de comunicação) não só "informam", como também "opinam" – o que observamos nas posturas políticas dos periódicos paraenses e brasileiros de uma forma geral. (CARVALHO, 2013. p.44).

As movimentações, comportamentos e modos de se expressar da juventude, estavam dentro desse veículo informativo que ao mesmo tempo apresentava uma notícia e também uma opinião. Observar a tentativa de separação entre pichação e grafite presente nas páginas dos jornais O Liberal e Diário do Pará, começava com a tentativa de identificação entre o que seria criminalidade e o que seria arte dentro dos moldes do grafite, tornando-se interessante para o mesmo que ainda era muito recente dentro de uma análise artística. Ainda podemos observar nas páginas dos jornais analisados a criminalização da pichação, apresentada não só como um ato juvenil de rebeldia, mas também uma ação orquestrada por diversos grupos.

A notícia apresentada a baixo no jornal Diário do Pará em 31 de agosto de 1985, destaca a campanha "Belém não merece ser pichada" organizada pelo governo de Jáder Barbalho. A matéria traz o seguinte título "quem suja agora vai sujar depois", seguido de um pequeno texto, na qual, destacamos pontos que apresentam uma modificação do sentido de pichar entre as décadas de 1970 e 1980. Pois "em 70 pichar era uma forma de

luta contra a ditadura. Hoje não há mais razão para isso a república está aí" (Diário do Pará, 31 de agosto de 1985).

IMAGEM 7: Recorte de jornal Diário do Pará, 31 de ago. de 1989.



Fonte:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=644781&pasta=ano%20198&pesq=00867>. Disponível: Hemeroteca digital.

A pichação não seria mais encarada como uma forma de luta e resistência contra o regime autoritário, até porque esse mesmo já não se fazia mais presente no cenário político brasileiro a partir de 1985. Na década de 1980, a pichação seria tratada como ato de vandalismo contra a propriedade privada e pública, e que jamais deveria ser utilizada como meio de propagar propagandas políticas em períodos eleitorais. Desta forma, a notícia buscava conscientizar partidos políticos e militantes envolvidos nessa lógica de disputa política e partidária.

A presença nas páginas dos jornais desse período, era uma forma de legitimar a existência desses fenômenos que não estavam mais só no exterior, nos Estados Unidos ou na Europa, e sim estava aqui nas cadeiras das escolas, nos muros das cidades, nas ações políticas coletivas e individuais, que se misturavam no fluxo urbano com outros elementos que passavam a fazer parte do cotidiano no cenário urbano da cidade de Belém.

CONCLUSÃO

Desta forma, concluímos que a concretização de um olhar artístico sobre o movimento do grafite e a reafirmação da criminalização da pichação estimulou discussões a respeito desses

movimentos, que já se faziam presente no cenário internacional e que se desdobraram nos jornais citados acima. Compreender os discursos presentes nesses jornais torna-se importante, para observarmos a presença desses fenômenos no cenário social da cidade de Belém, durante o período analisado, observando as múltiplas realidades que se congregam no ato de pichar e grafitar. Destacamos também, que esta conclusão é parcial, pois, os tópicos trabalhados aqui são uma pequena parte de um todo, ou seja, são o início do primeiro capítulo do trabalho citado no início deste artigo.

Sendo assim, a parte apresentada neste artigo pretendeu contribuir para a produção historiográfica relacionada ao objeto de estudo analisado, entendendo-se que os estudos relacionados a pichação e o grafite tende-se a aprofundar-se ainda mais, pois este é um fenômeno que ainda se encontra bem vivo, não mais apenas no cenário urbano, mais em diversos outros espaços espalhados ao redor do mundo.

REFERÊNCIAS

- ARCER, José Manuel Valenzuela. *Vida de Barro Duro: cultura popular juvenil e grafite*. Tradução de Heloisa B. S. Rocha. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.
- AJZENBERG, Elza. *Alex Vallauri Asmara*, Etiópia, 1949. MAC USP. São Paulo, 2004.
- BANDEIRA, Ronaldo. *Reporte Diário: Publicidade*. Diário do Pará, Belém, 10. Nov. 1985. Caderno política. P. 3. Ed. 00927. Disponível: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=644781&pesq=picha%C3%A7%C3%A3o&pasta=ano%20198> Acessado em: 13/06/2019.
- Belém. Lei 7.471 de 16 de novembro de 1989 <https://cmbelem.jusbrasil.com.br/legislacao/588046/lei-7471-89>. Acessado em: 11/06/2019.
- COSTA, Rafael. *Graffiti: Grafiteiro quer seu trabalho na história da arte*. Diário do Pará, Belém. 19. jan. 1989. P. 6. Ed. 02005. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=644781&pasta=ano%20198&pesq=01351> Acessado em: 13/06/2019.
- CASCARDO, Ana Beatriz Soares. Grafite contemporâneo: da espontaneidade urbana à sua cooptação pelo mundo da arte. *Revista Musear*, ano 1- número 1. 2012.
- CASTRO, Avelina Oliveira de. *A publicação de uma foto falsa no Diário do Pará: discursos, verdades e relações de poder*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte – Belém – PA. 2014.
- CAMPOS, Ricardo Marnoto de Oliveira. *Pintando a cidade: uma abordagem antropológica ao grafite urbano*. Universidade Aberta, 2007
- CARVALHO, Vanessa Brasil de. *A ciência na imprensa paraense em 130 anos: um estudo de três grandes jornais diários*. Universidade Federal do Pará; Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia; Belém, 2013.
- "M'PRIS", 41 anos de idade, pintor e desenhista, entrevistado em 15/02/2019.
- Memórias da Ditadura*, disponível em: <http://memoriasdaditadura.org.br/obras/pichacao-abaixo-ditadura-1968/>. Acessado em: 12/06/2019.
- MAIORANA, Lucidéa. *Queixas: Pichadores nas mãos da polícia*. O liberal, Belém. 04. Out. 1989. Caderno cidade. P. 8. Ed. 22447. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=761036&pasta=ano%20198&pesq=guerrilha%20ao%20spray> Acessado em: 13/06/2019.

MAIORANA, Lucidéa. *As confrarias da pichação nos limites do tolerável*. O liberal, Belém. 30. nov. 1989. Caderno opinião. P. 6. Ed. 22504. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=761036&pasta=ano%20198&pesq=22504> Acessado em: 13/06/2019.

PRADO, Cimara do. *Arte urbana: o grafite contra-ataca no cenário urbano*. Diário do Pará, Belém. 14. mar. 1989. Ed. 02058. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=644781&pasta=ano%20198&pesq=02058> Acessado em: 13/06/2019.

ROQUE, Carlos. Diário do Pará, Belém, 31. Ago. 1989. P. 6. Ed. 00867. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=644781&pasta=ano%20198&pesq=00867> Acessado em: 13/06/2019.

SARRAF, Moisés. *Um risco, um pixo e um grafite: como o muro reflete a cidade à beira dos seus 400 anos*. 2015.

SOUZA, Candida de; PAIVA, Ilana Lemos. Faces da Juventude brasileira: entre o ideal e o real. *Estudos de Psicologia*, 17(3), Setembro-Dezembro/2012, 353-360.

SILVA, Alessandra Kely da. *Brasil e o legado da década de 1980: crise e orientação da política econômica*. XII congresso brasileiro de história da economia, 13º conferência internacional de História de empresas. 2017.

SCHULTZ, V. *Intervenções urbanas, arte e escola: experimentação e afectos no meio urbano e escolar*. 19º encontro da associação nacional de pesquisadores em artes plásticas "entre territórios". Cacheira, BA. 2010.

THIOLLENT, Michel. *Mai de 1968 em Paris: testemunho de um estudante*. Tempo social; Rev. Social. USP, São Paulo, outubro de 1998. p. 63-110.

EDVAN DA SILVA CONCEIÇÃO

<https://orcid.org/0000-0002-5459-4786>

Historiador, mestrando em História Social da Amazônia pela Universidade Federal do Pará (UFPA)

E-mail: edvan-silva1@hotmail.com